

# Histórias inéditas da Florianópolis antiga (1800-1900)

*Billy Culleton*



Billy Culleton

# Histórias inéditas da Florianópolis antiga (1800-1900)

Florianópolis, 2020



# Apresentação

Conhecer o passado é fundamental para poder entender o presente e refletir sobre o futuro.

A partir dessa premissa, o projeto “Histórias inéditas da Florianópolis antiga” busca resgatar a memória da capital catarinense, por meio de reportagens jornalísticas.

Este é o primeiro de quatro e-books, com cinco histórias cada um, divididos por época: 1800-1900, 1900-1920, 1920-1940 e 1940-1960.

Os textos, que foram publicados originalmente no Portal Floripa Centro, mostram fatos que marcaram a Capital, seja pela sua relevância histórica mais formal ou pelo significado cultural e folclórico para os florianopolitanos.

São fatos chamativos que estão guardados apenas na lembrança das pessoas que os vivenciaram, ou em jornais antigos e livros de História, e que correm o risco de serem condenados ao esquecimento por falta de divulgação.

A visita de Dom Pedro I a Florianópolis, por exemplo, é um acontecimento absolutamente desconhecido para a grande maioria da população, inclusive para os catarinenses ‘mais letrados’.

A passagem histórica foi divulgada recentemente num livro do jornalista Nelson Adams Filho, que foi a base para a reportagem que abre esta série de e-books, que conta com o apoio da Fundação Catarinense de Cultura.

As outras quatro matérias jornalísticas tratam sobre fatos e costumes acontecidos há mais de um século, como o antigo carnaval em Desterro, a explosão devastadora do prédio da Alfândega, o bordel que virou loja de tecidos e o hábito de tomar chimarrão entre os ilhéus, no século 19.

# Sumário

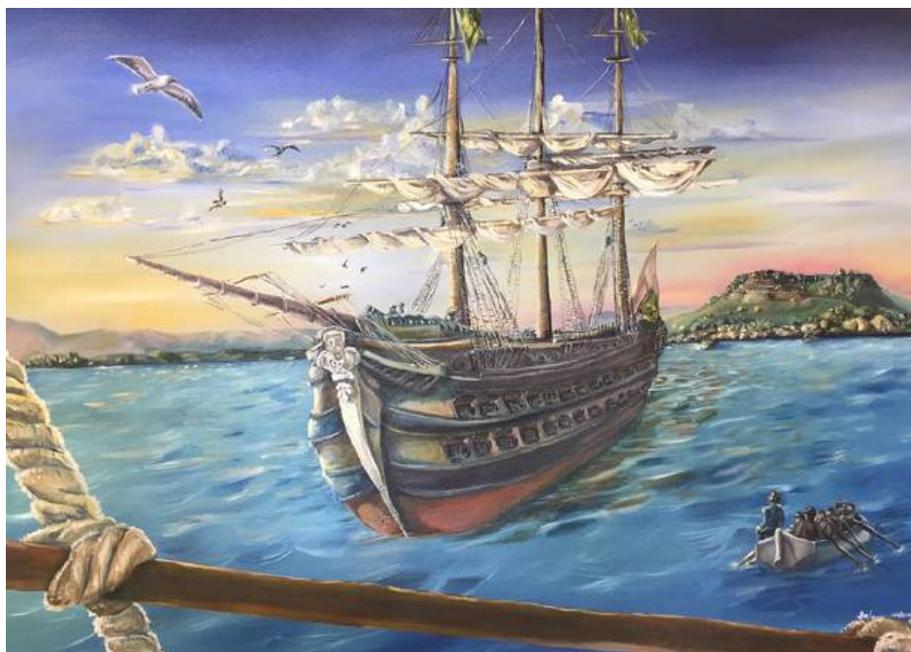
1 - O dia em que o imperador Dom Pedro I visitou Desterro, assistiu à missa, passeou e foi embora

2 - Bem antes que os gaúchos – Na antiga Desterro, ilhéus tinham o costume de tomar chimarrão

3 - Único no Brasil – Antigo carnaval de Florianópolis tinha desfile de carros de mutação puxados por cavalos

4 - Prédio da Alfândega desapareceu – A terrível explosão que estremeceu o Centro de Desterro em 1866

5 - Foi armazém e bar – A história preservada de um dos prédios comerciais mais antigos do Centro



## **O dia em que o imperador Dom Pedro I visitou Desterro, assistiu à missa, passeou e foi embora**

Foi graças a um pescador que o governador de Santa Catarina, brigadeiro Francisco de Albuquerque Mello, ficou sabendo da presença do imperador Dom Pedro I em Desterro.

Eram 17h30min do dia 29 de novembro de 1826 quando o navio com o imperador a bordo fundeou na Praia de Canasvieiras, no Norte da Ilha de Santa Catarina.

Na madrugada do dia seguinte, Dom Pedro acordou às 5h e deixou o navio a bordo de um pequeno bote, chamado escaler, em direção ao Centro da cidade, onde chegou antes do meio-dia.

Alertado pelos nativos, o governador foi tentar recepcioná-lo na Baía Norte com seu próprio escaler, mas os ventos não permitiram o encontro no mar.

Para surpresa geral, Dom Pedro e sua comitiva desceram no Forte Santana, na atual Avenida Beira Mar Norte, e foram caminhando até a Catedral para assistir à missa.



*Forte de Santana, ou Forte do Estreito, segundo Dom Pedro I*

O imperador estava a caminho do Rio Grande do Sul e pretendia coordenar as tropas brasileiras que lutavam contra a Argentina pela posse do território uruguaio: era a Guerra Cisplatina, que se desenvolveu entre os anos 1825 e 1828.

Os detalhes desta história foram descobertas recentemente e estão baseadas no relato do próprio imperador, que escreveu uma espécie de diário, chamado *'Itinerário de Jornada'*, sobre sua viagem de 37 dias pelo Sul do Brasil.

O manuscrito foi anexado à carta enviada à imperatriz Leopoldina, desde Porto Alegre, em 8 de dezembro de 1826. O documento está arquivado no Museu Imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro.

O resgate histórico foi feito pelo jornalista gaúcho Nelson Adams Filho, em seu livro *"A maluca viagem de Dom Pedro I pelo Sul do Brasil"*, lançado em 2016. Nele, são apresentados as particularidades da aventura que esta reportagem transcreve.

## **Caminhada pela Praia de Sambaqui**

Dom Pedro I tinha saído do Rio de Janeiro em 25 de novembro de 1826 e quatro dias depois chega a Desterro, sua primeira parada, onde ficaria dois dias.

Duas horas depois de sair de Canasvieiras, seu escaler chegou na Ponta do Sambaqui.

Ali, Dom Pedro colocou os pés em terra pela primeira vez no Sul do Brasil. Caminhou pelo local e, depois de uma hora e meia, continuou navegando pela costa Oeste da Ilha, passando por Santo Antônio de Lisboa, Cacupé e João Paulo, até a Baía Norte, onde chegou às 11h30min.



*Alguns dos locais por onde passou Dom Pedro até chegar no Centro*

Nesse momento, desembarcou no Forte Santana (que ele chama de Forte do Estreito), seguindo imediatamente a pé até o centro da cidade, onde assistiu à missa na Catedral.

No trajeto de 15 minutos, algumas pessoas que já sabiam da ilustre presença começaram a acompanhá-lo e aclamá-lo pelas precárias ruas da época.

*"Esta feliz notícia, comunicou-se logo por toda a cidade por maneira que no desembarque e por todo o trânsito até a Igreja matriz, foi S. Magestade acompanhado pelo povo que em vivas patenteava os seus sentimentos e, na sua ingenuidade, a sinceridade das suas impressões",* escreveu o governador Albuquerque Mello, em correspondência enviada semanas depois ao Marquês de Caravellas, ministro do Império.

## Passeio a cavalo pelo Centro

No manuscrito, Dom Pedro conta que após a missa na atual Catedral foi com sua comitiva ao Palácio do Governo (hoje, Palácio Cruz e Sousa) onde se hospedou.

Ali recebeu as homenagens das autoridades locais e de “cidadãos de todas as classes que, à porta, ambicionavam a honra de beijar a mão augusta do adorado soberano”, como detalha o governador.

Mas o imperador buscou abreviar as deferências porque queria conhecer os encantos da cidade. Por isso, depois do almoço subiu no seu cavalo para dar um passeio pelas redondezas, que se estendeu por toda a tarde.



Tela “A proclamação da Independência” (1844), de François-René Moreaux, dá uma ideia de como teria sido a recepção de Dom Pedro I em Desterro

A presença do imperador provocou um frenesi entre os moradores do Centro. *“Repicavam os sinos, chamando as irmandades para, reunidas ao vigário, conduzirem o pallio; os tambores tocando a reunir soldados de linha e milicianos. Apressadamente tratavam outros de mandar preparar as lanternas e candieiros com azeite de baleia para iluminação, enquanto outros se dirigiam à mata em*

*busca de palmeiras para ornamentação das praças e ruas; dir-se-ia que uma violenta comoção nervosa havia abalado aquelle pacato povo”,* contou Albuquerque Mello.

Na época, a Ilha tinha 6,5 mil moradores e a Província de Santa Catarina somava 35 mil habitantes.

Naquela tarde, Dom Pedro I começou a preparar a sua saída a cavalo para o Rio Grande do Sul, seu destino final. Para isso, como explica o governador, “ordenou a prontificação dos seus transportes, pagando tudo do seu particular bolsinho”.

Adams Filho, autor do livro ‘*A maluca viagem...*’, explica que o cavalo campeiro já existia em território catarinense desde 1517, trazido por Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, explorador espanhol.

Às 4h do dia 1º de dezembro, a pequena comitiva deixou o centro de Desterro pelo mar.



Detalhe da tela de Cibele Souto Amade

A bordo do escaler saíram do Forte Santana e costearam a margem Oeste da Ilha, passando pelas praias do Saco dos Limões, Costeira, Tapera e Ribeirão da Ilha até chegar à Caieira do Sul.

## Três dias cavalgando por Santa Catarina

Em seu *Itinerário*, Dom Pedro informa que o percurso de 40 quilômetros até as proximidades da Fortaleza de Nossa Senhora de Araçatuba (atual Praia de Naufragados) foi completado em pouco mais de quatro horas, chegando às 8h30min.

Ali tomaram café da manhã, já providenciado por um grupo precursor, o mesmo que comprou os cavalos para a viagem.



*Dom Pedro I nas Torres em pintura de Cibele Souto Amade*

Às 11h30min, iniciaram a travessia de barco para o continente até a Praia do Sonho. Iniciava-se, nesse momento, a cavalgada de 450 quilômetros até a capital gaúcha, sendo 200 deles pelo litoral catarinense.

“A 1 hora chegamos ao Rio Imbahá (Embaú) aonde passamos em canoas e os cavalos a nado, montamos do outro lado do rio a 1 ½ e chegamos à Praia de Garopaba às 3 ½ e à Armação (Imbituba) às 8 ½”, escreveu Dom Pedro, que era um exímio cavaleiro. Naquele dia, a comitiva fez um total de quatro horas e meia navegando e oito horas

cavalgando. Lembrando que Santa Catarina não tinha estradas à época, eram trilhas ou pedaços de caminho.

Já os navios de transporte com as tropas, as corvetas e a Nau Pedro 1, que acompanhavam o imperador e chegaram com ele a Canasvieiras, seguiram pelo mar para Rio Grande.

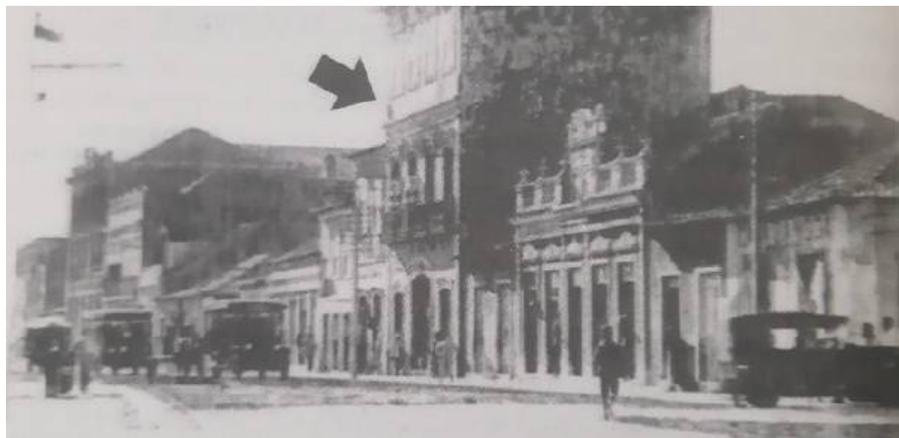


*A Nau Pedro I é a primeira que aparece na pintura (autoria desconhecida)*

## **Dom Pedro dormiu em rancho abandonado**

No sábado, 2 de dezembro, há 193 anos, Dom Pedro sai de Armação, às 8h, chegando quatro horas depois a Vila Nova (atual Imbituba), onde almoçou.

O livro ‘*A maluca viagem...*’ descreve a sequência. “*Às 15h45min, retomaram a jornada e percorreram os 30 quilômetros até Laguna, onde dormiram num casarão de três andares, no Centro, na atual Rua Gustavo Richard. A casa foi demolida no século 20. Era um prédio com três portas de entrada arcadas, idênticas aos portais da Igreja Matriz da cidade. O proprietário era Sidney Barreiros*”.



Palacete em Laguna, onde o imperador pernitoou em 1826 (Acervo de Sidney Barreiros, cedida por Adílzio Cadorin – Imagem do livro ‘A maluca viagem...’)

Nelson Adams Filho continua: “Em 3 de dezembro, Dom Pedro levantou às 6h e foi à missa no Centro da cidade e logo depois embarcou para atravessar o rio Tubarão. Ele a comitiva retomaram a cavalgada, passaram por Jaguaruna, Araranguá e Arroio do Silva, Balneário Gaivota, chegando a Passo de Torres às 19h30min, onde pernitoaram numa barraca de sapé abandonada.



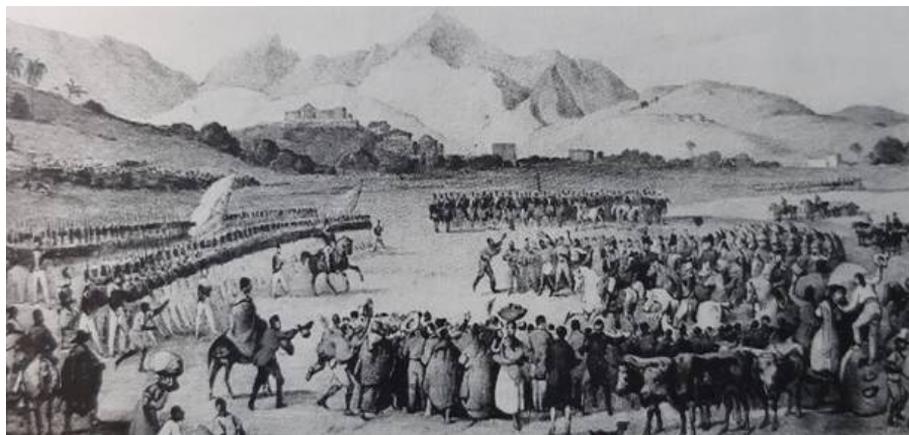
A passagem do Mampituba, em tela atribuída a Jean-Baptiste Debret, em 1827

O sapé é uma gramínea cujos caules são, após secos, utilizados para se construírem telhados de casas rústicas. Após dormirem nesse lugar inóspito, sujo e abandonado, atravessaram o Rio Mampituba e ao chegar a Torres, a primeira coisa que Dom Pedro fez foi lavar-se! Ou seja, estava sujo da jornada e da noite anterior.”

## Cinco dias no Estado rumo ao Rio Grande do Sul

No dia seguinte, entraram no Rio Grande do Sul rumo a Porto Alegre, onde chegaram em 7 de dezembro. Terminava assim a passagem do Imperador Dom Pedro I por Santa Catarina.

Foram cinco dias em território catarinense, nos quais ele pôde conhecer parte das belezas do Estado.

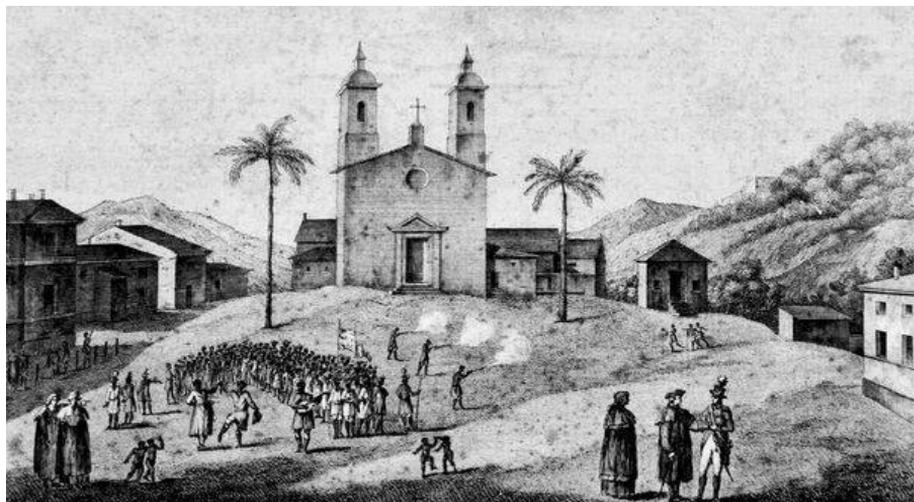


Exercício militar preparatório à Guerra Cisplatina (reprodução livro "*A maluca...*")

Esta história da passagem de Dom Pedro I por Santa Catarina, em 1826, é desconhecida para a maioria dos catarinenses, inclusive as autoridades.

Por isso, esta reportagem faz eco à reclamação do jornalista Nelson Adams Filho, autor do livro "*A maluca viagem...*", que aponta não existir em nenhum lugar por onde Dom Pedro I passou em Santa Catarina, uma placa indicativa ou informação histórica sobre o fato.

Também não há, na literatura do Estado, alusão à passagem do imperador. "Um desleixo histórico das autoridades, pesquisadores que parecem desconhecer esse momento", diz Adams Filho.



## **Bem antes que os gaúchos – Na antiga Desterro, ilhéus tinham o costume de tomar chimarrão**

Quando vemos alguém tomando chimarrão nas praias de Florianópolis imediatamente a identificamos como rio-grandense, argentino ou uruguaio.

Mas o que poucos sabem é que o mate era muito usado na Ilha de Santa Catarina antes mesmo que fosse conhecido no restante do Sul do Brasil.

O seu consumo teria sido introduzido por navegadores espanhóis que estiveram aqui antes de Francisco Dias Velho, que fundou a cidade em 1675.

Os colonizadores ibéricos tinham ‘descoberto’ a erva-mate com os índios guaranis e caingangues que habitavam a América.



As informações constam do relatório do médico alemão Georg Heinrich Von Langsdorsff, que permaneceu na Vila Nossa Senhora do Desterro por três meses, entre dezembro de 1802 e fevereiro de 1803.

Ele fazia parte de uma expedição russa, patrocinada pelo Czar Alexandre I, que realizava uma pesquisa sobre o continente americano.



Médico Georg Von Langsdorsff  
(Imagem do livro *História de Florianópolis*)

De acordo com Carlos Humberto Corrêa, na sua obra “História de Florianópolis”, Langsdorff narrou o costume de beber chimarrão tanto nas casas populares quanto nas famílias mais abastadas, substituindo o café ou o chá usados na Europa.

“Usavam um pequeno canudo da espessura de um cabo de cachimbo e de meio pé de comprimento (15 cm), que se abre na parte inferior com um regador, com várias aberturas pequenas e que é tecido com fibras de madeira e possibilita que se sugue o líquido do chá”.

As cuias eram feitas de casca de coco ou de uma espécie de abóbora mais dura, para os mais pobres, ou mesmo de barro cozido, usado pelos mais ricos.

*“Em casa de cidadãos mais abastados veem-se cascas de coco entalhadas, pintadas ou cuidadosamente laqueadas e também encontrei lugares onde usavam a bomba e a chávina (recipiente, taça) delicadamente trabalhadas em prata”*, registrou Langsdorff, acrescentando que, na época, o uso do chimarrão na Vila ‘já era muito antigo’.



*Cuiá de coco e bomba, similares às que eram usados na época*

Segundo o historiador Carlos Corrêa, a descrição do médico alemão é das mais completas sobre a sociedade da Ilha, seus usos e costumes.

No livro, no entanto, não há nenhuma menção às causas do desaparecimento, ao longo dos anos, da tradição de tomar chimarrão entre os florianopolitanos.

*(Imagem de abertura: “Festa de negros na Ilha de Santa Catarina”, desenho de Wilhelm Tilesius mostra como era o Centro de Desterro em 1803)*



## **Único no Brasil – Antigo carnaval de Desterro tinha desfile de carros de mutação, puxados por cavalos**

As alegorias que fascinavam a população nos desfiles dos antigos carnavais de Florianópolis eram muito diferentes das atuais.

Nos séculos XIX e XX, o auge da vibração do público acontecia quando de dentro das estruturas surgiam rainhas, dragões, bruxas ou aviões, que faziam parte da temática das sociedades carnavalescas que dominavam a festa momesca na cidade.

Antecessoras das atuais escolas de samba, entidades como Tenentes do Diabo e Granadeiros da Ilha tinham como principal atrativo os carros de mutação.

Dentro das alegorias, havia um conjunto de engrenagens e roldanas que possibilitavam o movimento das figuras em cima dos carretões, montados sobre o chassi de um caminhão e que eram puxados por cavalos, tratores, jipes ou caminhonetes.



“O sistema era formado por catracas manuais, com roldanas, e acionado por manivelas. Uma combinação de mãos leves de artistas (que preparavam as alegorias) com braços fortes de operários”, explica Fabiana Machado Didoné, mestre em Artes Visuais pela Udesc, no artigo *“Um novo olhar sobre as alegorias carnavalescas – Os carros de mutação de Acary Margarida”*.

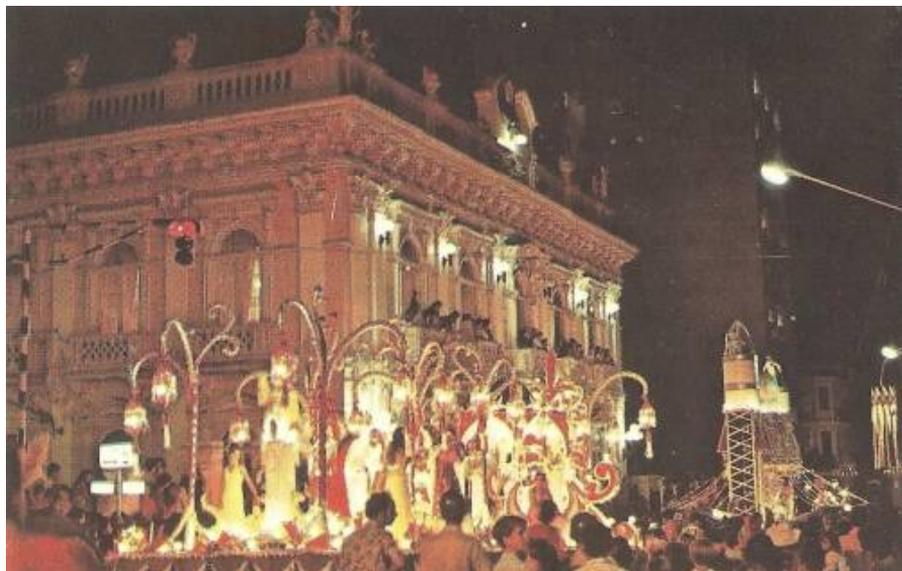


A criatividade dos carnavalescos responsáveis pela criação das peças, conta ela, passeava entre castelos, dragões, aviões, navios, bruxas e animais lendários pertencentes ao folclore local.

Desde a década de 1850, contornavam a Praça XV para se apresentar ao público e também homenagear as autoridades na sacada do Palácio Cruz e Sousa.

O desfile dos carros de mutação, com engrenagens que permitiam que a alegoria se movimentasse e ganhasse vida, era único no país do Carnaval e durou até 1989, já com a utilização de novas tecnologias.

Os carros eram elaborados, durante meses, de acordo com o enredo e o tema individualmente escolhido pelas sociedades.



Segundo Didoné, no século XX, os desfiles eram divididos em dois concursos oficiais, mutação e alegoria. O regulamento previa a apresentação de no mínimo quatro e no máximo seis carros por sociedade, com destaque para o abre-alas e o carro da rainha.

No período de 1858 a 1899, existiram 34 sociedades carnavalescas na Capital. Embora o último desfile tenha sido em 1989, as atividades das grandes sociedades foram paralisadas em 1993.

Somente em 2006, a Granadeiros e a Tenentes do Diabo voltaram a desfilar no Carnaval da cidade, mas pararam suas atividades novamente em 2013.



## As quatro principais sociedades carnavalescas:

### – Tenentes do Diabo

Fundada em 5 de março de 1905 por militares do Exército transferidos do Rio de Janeiro para Florianópolis, abrigou-se inicialmente nos altos da rua Felipe Schmidt, próximo à Ponte Hercílio Luz. Entre 1970 e 1978 ganhou nove títulos seguidos.

### – Granadeiros da Ilha

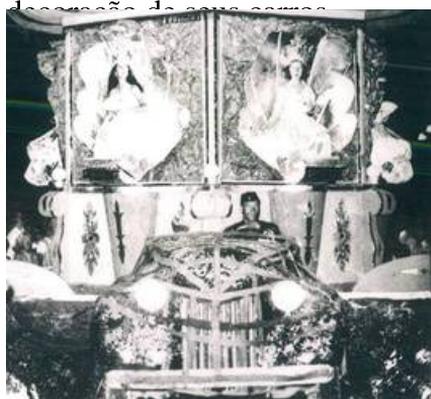
Fundada em 6 março de 1948 por João dos Passos Xavier, faz uma homenagem em seu nome aos combatentes que defenderam a antiga Desterro (granadeiros são soldados especializados em lançar granadas). No brasão, apresenta a Ilha de Santa Catarina e uma granada como símbolo.

### – Trevo de Ouro

Antiga ‘Vai ou Racha’, foi fundada em fevereiro de 1969, sendo Acary Margarida um de seus fundadores, e, mais tarde, seu filho Lauro Margarida presidente.

### – Limoeiro

Fundada no bairro do Saco dos Limões, em 1978, pôde beneficiar-se de novas tecnologias e passou a inovar nos efeitos especiais e na



(Todas imagens são do acervo da Casa da Memória de Florianópolis)



## **Prédio da Alfândega desapareceu – A terrível explosão que estremeceu Desterro em 1866**

Às sete horas da manhã de 24 de abril de 1866, parte dos 12 mil habitantes de Desterro acordou sobressaltada por uma apavorante explosão no Centro da cidade.

Em poucos segundos, o belo prédio da Alfândega ficou em ruínas e pedaços da construção foram espalhados num raio de 300 metros.. A edificação ficava na esquina do “Largo do Palácio com a Rua do Príncipe” (hoje, Arcipreste Paiva com Conselheiro Mafra), na frente da Praça Fernando Machado, ao lado da Praça XV.

No local, atualmente existe a “Agência Zininho” da Caixa Econômica Federal, onde antes estava o Hotel La Porta.

### **Jornal local fala em ‘desastre horrível’**

No texto em que divulga a notícia, o jornal “*O Despertador*”, de 27 de abril de 1866, começa descrevendo a cena rotineira de uma manhã normal no Centro da cidade:

*“Muitos indivíduos saíam de suas casas e se dirigiam ao mercado. As canoas de diferentes lugares se aproximavam daquele ponto com os seus generos, como é de costume, e os colonos alemães desembarcaram dos*

seus botes os seus productos agrícolas, e collocavão no largo entre a alfandega e casa do mercado, onde já havia compradores”.

## O DESPERTADOR.

Desterro — Sexta-feira 27 de Abril de 1906.

**Desastre horrível!**— É ainda sob a pressão do mais esmagador sentimento que traçamos estas linhas, afim de ficar registrado neste jornal um dos factos (talvez o primeiro desta ordem) notaveis que se dá na cidade do Desterro! A scena mais contristadora e sorprendente foi testemunhada por todos os habitantes desta cidade e por muitas pessoas de fóra que nella se achavão!

A aurora do dia 21 ralou bella e serena, e á proporção que o dia ia escendo, muitos individuos sahião de suas casas e se dirigião ao mercado. As canoas de differentes lugares se aproximavão daquelle ponto com os seus generos, como é de costume, e os colonos alemães desembarcavão dos seus botes os seus productos agrícolas, e collocavão no largo entre a alfandega e casa do mercado, onde já havia compradores.

Na seqüência, detalha o desastre:

*“Serião 7 horas, horrível explosão, originada, por certo, de matéria inflammável existente na mesma alfândega, fez abbater todo o edificio até os alicerces, levando pelos ares grande parte do tecto, indo cahir a grande distancia”.*

E continua:

*“A detonação foi tal que fez estremecer os edificios mesmo os mais distantes da praça; muitas vidraças ficarão inutilizadas. O incêndio manifestou-se immediatamente, e os sinos das igrejas davão signal delle!!”*

Segundo o jornal, o povo ‘sobressaltado’ correu até o lugar do sinistro e em menos de cinco minutos havia mais de mil pessoas no local. A explosão também danificou parcialmente o antigo Mercado Público, que ficava na frente, onde hoje está a Praça Fernando Machado.

Na época, a Alfândega possuía seu próprio atracadouro no cais, ao lado do trapiche, que depois foi o Miramar.



Ilustração de Joseph Brüggemann, 1867, mostra Largo do Palácio (reprodução livro “Desterro: Ilha de Santa Catarina”, de Gilberto Gerlach)

## Mortos e feridos

*O Despertador* lista os nomes dos mortos e feridos.

*“De tão terrível catastrophe resultou a morte de dez pessoas; tres gravemente feridas e doze levemente, cujos nomes abaixo mencionamos.”*

Entre as vítimas, portugueses, alemães e brasileiros. Também há menção aos escravos, identificados apenas pelo primeiro nome.

Relação das victimas da catastrophe de que acima fallamos.		
MORTOS.		
Zacarias de Tal . . . . .	:	Portuguez
Mancel dos Santos Barbosa . . . . .	:	idem
Antonio Jose da Silva . . . . .	:	idem
João Jacintho da Silva . . . . .	:	idem
Domingos Lazaro de Barros . . . . .	:	Brazeleiro
Jacob Solih . . . . .	:	Alemão
Manoel Cleger . . . . .	:	idem
Gabr . . . . .	:	idem
Francisco, crioulo, escravo do Sr. Carlos Duarte Silva.	:	
Fernando, idem, idem do Sr. coronel Caldeira.	:	
FERIDOS GRAVEMENTE.		
Antonio José Gonçalves . . . . .	:	Brazeleiro
Angelica, crioula, escrava da Sra. D. Maria do Livramento. Foi-lhe amputada uma perna pelo Sr. Dr. Raposa.	:	



*Desterro no século 19 (autoria desconhecida)*

## **Barcos ajudam a apagar fogo**

*“Uma só bomba e esta em máu estado sahio da capitanaia do porto e com ella se começou o trabalho para dominar o incêndio, o que não se conseguiria se não acudissem as bombas dos vapores Brazil e Gerente que se achavão no porto (...). A não ser isto graves prejuízos soffreria o commercio visto a proximidade de muitas casas de negócio”,* descreve o jornal.



*Mapa de Desterro em 1868 mostra o local da Alfândega (4), o trapiche (5) e o mercado público (9). Arquivo Litografia do Instituto Philomático (reprodução do livro “Florianópolis, memória urbana”, de Eliane da Veiga)*

## **História do prédio da antiga alfândega**

A criação da primeira Casa da Alfândega, também conhecida como Casa de Arrecadação da Marinha, em Desterro, teve lugar em 1778, segundo conta o historiador Carlos Humberto Corrêa, no livro *“História de Florianópolis Ilustrada”*.

O autor faz referência a um documento do Ouvidor Moniz Barreto, dirigido à Câmara Municipal, em 23 de junho daquele ano:

*“Tenho tirado, em resulta das minhas observações, a minuta da inclusa representação para Sua Majestade sobre a criação de uma Alfândega no porto desta Ilha. As vantagens, que daqui resultam me parecem demonstradas.”*

Somente em 1876, dez anos depois da explosão, foi inaugurado o novo prédio da alfândega, que existe até hoje, próximo ao Mercado Público Municipal.

*(A imagem de abertura desta reportagem é uma pintura de Aldo Beck, publicada no livro “Florianópolis, memória urbana”, de Eliane Veras da Veiga)*



## **Foi bordel, armazém e bar – A história preservada de um dos prédios comerciais mais antigos do Centro**

Construído no século 19, o imóvel da loja de tecidos ‘Casa do Povo’ chegou a ser um dos pontos mais movimentados da cidade.

Localizado na esquina das ruas Conselheiro Mafra e Trajano, ficava próximo aos terminais marítimos de passageiros, na região central da Ilha, e servia como ponto de abastecimento de mercadorias para a população.

No “Armazém Brasileiro” era vendido todo tipo de produto alimentício, desde cereais até bebidas.



Já o acesso ao primeiro andar era mais reservado. No local, as ‘mulheres da vida’ esperavam os clientes para fazer programas em alguns dos dez quartos com vista para o mar (antes da existência do aterro da Baía Sul, feito na década de 1970).



Na metade do século 20, sediou o Bar São Pedro e, na sequência, transformou-se numa referência na venda de fazenda (tecidos) quando ali se estabeleceu a tradicional Casa Yolanda, que fechou na década de 1980.

O ponto foi negociado e se transformou na Loja Santana para, em seguida, ser adquirido pela família Althoff, atual proprietária da ‘Casa do Povo’.



## Tradição em tecidos

“Há quatro décadas continuamos com a tradição de venda de todos os tipos de tecido”, conta Ricardo Althoff, responsável pelo comércio e filho do precursor da loja, seu Bertolino, já falecido.

Atualmente, o estabelecimento funciona nos dois andares.



“Apesar do grande oferta de roupas prontas, e de baixo custo, ainda existem muitas costureiras que produzem roupas para festas ou modelos exclusivos para o dia-a-dia”.

Muitas pessoas chegam na loja e relembram o passado do imóvel. “Tem cliente que conta histórias de quando era um armazém, depois Casa Yolanda e também sobre o funcionamento do bordel”.

Ricardo sente orgulho do imóvel centenário e tenta mantê-lo sempre com boa aparência. Recentemente, concluiu uma reforma que incluiu o reboco das históricas paredes e a pintura externa, que mantém o tom da cor original do início do século passado.

“A manutenção é constante: fizemos uma grande reforma há 25 anos e, outra, em 2015, sempre com a supervisão da prefeitura, já que é um imóvel tombado”, diz, enquanto mostra a foto pendurada na parede do seu escritório, onde aparece o armazém em 1910.

*(As imagens antigas são do acervo da Casa da Memória da Capital)*